

"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

**Faculdade de Ciências e Letras  
Campus de Araraquara - SP**

**KAMILA GONÇALVES**

# **A CITAÇÃO NO FACEBOOK: UMA ANÁLISE DIALÓGICA.**



ARARAQUARA – S.P.

2015

KAMILA GONÇALVES

# A CITAÇÃO NO FACEBOOK: UMA ANÁLISE DIALÓGICA.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras.

**Orientador:** Profa. Dra. Marina Célia Mendonça

ARARAQUARA – S.P.

2015

Gonçalves, Kamila

A citação no facebook: uma análise dialógica. /

Kamila Gonçalves – 2015

36 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Letras) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de  
Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras  
(Campus Araraquara)

Orientador: Marina Célia Mendonça

1. A citação no facebook. 2. A relação dialógica do  
autor com o leitor. 3. A construção de sentido a  
partir da relação do eu com o outro. 4. A imagem da  
página coconstruída na relação autor, discurso citado  
e leitor. 5. Novas formas de citar. I. Título.

Àquela que sempre acreditou em mim, minha mãe; à família que ganhei: república muralha, que me recebeu com amor e me presenteou com amigas que sempre me deram segurança e força e que tornaram mais fácil e bonita a distância de casa; também aos professores que me formaram e que admirei e aos amigos e familiares que sempre estiveram do meu lado.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus que até aqui me abençoou.

Aos meus pais Ana e Ricardo, que me deram as bases da vida.

Ao meu irmão, que sempre se mostrou amigo e protetor.

À família, que me é indispensável para a felicidade.

Às amigas feitas nos últimos quatro anos, que as condições tornaram irmãs.

Aos professores de toda minha formação, que sempre foram minha admiração.

À minha orientadora Marina Célia Mendonça, que teve paciência e amizade.

## RESUMO

Esse trabalho analisa as citações realizadas no Facebook, em uma página específica chamada “Brasileiríssimos”, que se auto intitula como um projeto de divulgação e valorização da cultura brasileira, para essa análise tem-se a retomada de conceitos de citações tradicionais, para se destacar, em comparação com essas formas, as diferentes maneiras de se citar que estão presente nesse meio de comunicação em pauta: o Facebook. Tem-se a reflexão de como a imagem da página é coconstruída a partir do diálogo do eu com o outro. Mais especificamente, tem se a reflexão do diálogo do autor da página, com o texto citado e o leitor. Para essa análise tem-se como foco os conceitos de citação de autores do círculo de Bakhtin. entre outros; esses conceitos são critérios de análise dos textos citados, principalmente da forma como é feita a citação. Como abordagem metodológica para a realização deste trabalho, tem-se uma análise qualitativa dialógica das citações feitas no Facebook, além de um cotejamento de textos que coloca em diálogo as formas tradicionais de citações e as realizadas na página em questão. No diálogo proposto sobre os conceitos de citação pode-se perceber a construção de sentido causada pela forma como a citação é feita, e como o autor da página se coloca diante do discurso citado e como se dá a relação deste com o leitor. Esse trabalho, por valer-se da análise dialógica do discurso, está voltado ao conceito de diálogo, colocando os discursos em contato; partindo desse ponto, busca-se entender quais discursos dialogam quando da produção da citação e de que forma é feito o citar no meio de comunicação analisado.

**Palavras – chave:** Estudos bakhtinianos. Citação. Diálogo. Facebook. Análise dialógica do discurso.

## **ABSTRACT**

This study analyses the quotations from a specific Facebook page called “Brasileiríssimos”, which presents itself as a project aiming to publicize and value the Brazilian culture. For this analysis one can observe the use of concepts of traditional quotations, to highlight, when comparing to these formats, the different ways of quoting that can be found on this means of communication: Facebook. The research aims to reflect about how the image of the page is built from the dialogue between the I and the other. More specifically, we look at the dialogue of the author of the page with the quoted text and the reader. In order to analyze that, concepts of quotation from authors belonging to Bakhtin’s Circle are going to be used, amongst others. These concepts constitute the analysis criteria of the quoted texts, especially on how the quotation is made. The chosen methodological approach is a qualitative analysis from the quotations made on Facebook, as well as texts that help to visualize the dialogue between the traditional forms of quotation and the forms found on the abovementioned page. On the proposed dialogue about the concepts of quotation it is possible to notice the production of meaning caused by the way in which the quotation is made, by how the author of the page inserts herself in relation to the quoted text and, finally, by the relation of the text with the reader. Because this research bases itself on the dialogical discourse analysis, it be turned to the concept of dialogism, analyzing discourses in contact. Departing from there, one of the main goals is to understand which discourses dialogue when the production of the quotation and in what manner the quotation is made on the chosen means of communication.

Key - words: Bakhtinian Studies. Quote. Dialogue. Facebook. Dialogical discourse analysis.

**LISTA DE RECORTES**

**Foto 1**.....23

**Foto 2**.....24

**Foto 3**.....25

**Vídeo 1**.....26

**Vídeo 2**.....27

**Vídeo 3**.....28

## SUMÁRIO

1. Introdução .....	10
2. Fundamentação teóricometodológica .....	13
2.1 Suporte metodológico .....	13
2.2 Estudos bakhtinianos, o dialogismo e a citação.....	14
a. Bakhtin e a linguagem: algumas outras considerações.....	18
b. Outras considerações sobre a citação.....	20
3. Análise: Como o autor cita.....	23
3.1. A foto como citação: um caso de discurso direto.....	23
3.2 O Vídeo como discurso citado .....	26
4. Conclusão.....	30
5. Referências:.....	32

## 1. Introdução

O presente trabalho é um desenvolvimento de estudo realizado pela aluna-pesquisadora em sua Iniciação Científica, quando foi contemplada com a ISB do programa CNPQ (Fevereiro/2015 a Dezembro/2015), para desenvolver a pesquisa “Práticas de escrita criativa: aspectos sobre a subjetividade e alteridade em páginas do Facebook”. Este trabalho tem como objetivo principal refletir sobre a citação na escrita na internet, em especial em postagens realizadas no Facebook. E objetivos específicos são: 1) analisar na página “Brasileiríssimos” como se dá a citação, ou seja, de que forma essa citação é realizada; 2) refletir sobre a relação construída a partir do diálogo do autor da página, com o texto citado e o leitor; 3) contribuir, com esse trabalho, para os estudos da citação.

A imagem da página em questão a ser estudada e analisada é coconstruída a partir do diálogo entre o autor<sup>1</sup> e o leitor, dialogo que será considerado quando das análises. Além disso, assumiremos uma abordagem comparativa; assim, estudando as citações e de que maneira elas se dão na página, retomando as formas tradicionais de realização da citação, pode-se contribuir para a observação de mudanças de realização e de construção de sentido que ocorrem nestes dois tipos de situações.

Foi feita uma análise em uma página específica chamada “Brasileiríssimos”, que se autointitula “O maior projeto de valorização da cultura e de artistas autorais”. A relevância deste trabalho reside, principalmente, na descrição das citações, refletindo de que forma a citação é feita.

A escolha da página no Facebook se deu por duas razões: primeiramente por se tratar de uma linguagem atual, em que se percebe a escrita e a interação de indivíduos, de maneira que a imagem da página é construída a partir da relação entre as vozes (autor, texto citado e leitor). É interessante a reflexão dessa linguagem para a observação de mudanças de realização e de construção de sentido que ocorrem nestes dois tipos de situações.

---

<sup>1</sup> O autor aqui será considerado como o autor coletivo, a equipe que escreve para a página será tomada como o autor da página para se fazer a análise.

Foi feita uma análise em uma página específica chamada “Brasileiríssimos”, que se auto intitula “O maior projeto de valorização da cultura e de artistas autorais”. A relevância deste trabalho reside, principalmente, na descrição das citações, refletindo de que forma a citação é feita.

A escolha da página no Facebook se deu por duas razões: primeiramente por se tratar de uma linguagem atual, em que se percebe a escrita e a interação de indivíduos, de maneira que a imagem da página é construída a partir da relação entre as vozes (autor, texto citado e leitor). É interessante a reflexão dessa linguagem para a questão social, pois entender a linguagem da internet se tornou extremamente importante para a sociedade atual.

Em segundo lugar, pode-se dizer que a escolha do *corpus* está ligada à relevância do estudo para contribuir com o estudo da “citação”. As discussões recentes que têm sido feitas apoiadas em pressupostos teóricos do dialogismo bakhtiniano e em estudos de Maingueneau (1996; 2002), Charaudeau e Maingueneau (2004), Boch e Grossmann (2002), entre outros, apresenta-se um texto que se tece em torno de uma questão básica: como o autor da página se coloca, ou seja, como ele cita. Examinando recortes da página em questão procurou-se mostrar que o citar e o ensino do citar não podem se limitar à compreensão de um conjunto de procedimentos técnicos e/ou formais, por entender que, quando se cita, entram em cena também aspectos de natureza enunciativa, como aqueles relativos ao posicionamento do enunciador frente ao dito por outrem. A Análise Dialógica do Discurso e os estudos bakhtinianos do discurso são, portanto, propostas teórico-metodológicas relevantes nesta pesquisa – a seu respeito, destacamos, além das já citadas, as seguintes obras: Brait (2009a, 2009b) e Geraldini (1993, 1996).

Neste texto, discute-se sobre uma questão ainda pouco explorada no âmbito das investigações no campo linguístico, qual seja: o uso do recurso da citação em textos de novos meios de comunicação verbal, como por exemplo, o Facebook. A citação foi encarada por muito tempo e na maioria das vezes, como sendo um recurso simplesmente técnico, nos moldes da metodologia científica conforme fala Boch e Grossmann (2002). Entende-se aqui que se faz necessário o estudo da citação na dimensão dialógica, e como consequência o estudo da função da citação na produção dos sentidos.

Este trabalho indica a possibilidade de se olhar para a citação como sendo um recurso de natureza enunciativa, cujo uso demonstra a tomada de posição daquele que emprega a citação na construção dos sentidos do texto. Procurou-se então fazer uma reflexão sobre o citar e a subjetividade do sujeito construída a partir da relação do eu com o outro.

Compreender o citar é considerar que apesar de a citação ser constitutiva da linguagem humana, como expressão do dialogismo linguístico bakhtiniano, é um ato revestido de complexidade, especialmente nos novos meios de comunicação, em que se exploram aspectos como: o que é citado, os modos de citar, as formas de introduzir o discurso citado (feitas pelo autor) e de retomar o discurso citado (feitas pelo leitor), como se estabelece a relação de sentido coconstruída entre discurso citado e discurso citante, as funções da citação, entre outras.

Das reflexões resultantes desse trabalho, conclui-se que se faz necessário investir mais em pesquisas que deem conta da complexidade que recobre o uso da citação na escrita, por exemplo, de páginas do Facebook, onde se encontra principalmente a citação, que é o caso da página “Brasileiríssimos”. Entende-se que a compreensão do modo como o autor estabelece diálogo com os leitores e como os sentidos são negociados na tessitura dos textos que escreve pode fornecer elementos para pensar um ensino mais sistemático das convenções inerentes à escritura do texto em novos meios de comunicação verbal, e assim, ter uma aproximação daqueles que são atingidos por esses meios, como por exemplo, os jovens.

## 2. Fundamentação teóricometodológica

### 2.1 Suporte metodológico

Como já foi dito anteriormente, será utilizado o *corpus* sobre o qual se debruçou a pesquisa da Iniciação Científica Sem Bolsa. A escolha da página “Brasileiríssimos”, em que será feita a análise das formas de citação, foi feita pela riqueza de citações e interações entre o autor e o leitor,. O acesso ao *corpus* será feito pela consulta ao Facebook.

Para a análise do *corpus*, será feito um cotejamento de textos, para assim retomar as formas tradicionais de citações em comparação com as citações do Facebook, com o objetivo de discutir a construção de sentido dada pelo diálogo do autor com o leitor a partir das citações e de que forma elas são realizadas nesse campo de comunicação em questão. O livro Palavras e Contrapalavras (GEGE, 2012) traz questões da metodologia nos estudos Bakhtinianos e servirá de base também para a pesquisa e análise.

Pode-se dizer que Bakhtin estuda a linguagem e não a língua, e por estudar a linguagem, tudo que for afirmado pode ser aplicado a qualquer língua particular, o que é uma implicação necessária de seu objeto de estudos. Considerando então a linguagem é possível se chegar a uma metodologia, que pode orientar o pesquisador no meio de tanta complexidade e multiplicidade que a linguagem comporta.

Para estudar mais especificamente as questões de método que aparecem nos escritos de Bakhtin e do Círculo, é importante retomar os termos linguagem, enunciado e discurso que emergem desses trabalhos. Segundo Bakhtin pode-se dizer que o discurso exige a presença simultânea do locutor e do ouvinte. Volochínov também afirma que a linguagem é mutável e produto da vida social. A progressão da linguagem se concretiza na relação social de comunicação.

Pode-se entender que um estudo de linguagem pautado nos escritos de Bakhtin e do Círculo deva ser um estudo que busque a compreensão da vida social do homem pela linguagem em movimento e não por uma linguagem imóvel. Dessa forma, mesmo que, para a construção de um estudo linguístico, seja necessário partir de um enunciado concreto, é importante que este seja considerado “como um ‘momento’, uma simples

gota no rio da comunicação verbal, cujo movimento incessante é o mesmo que o da vida social da História”. Neste texto, portanto, esse é um dos primeiros aspectos ligados às questões metodológicas para os estudiosos do Círculo de Bakhtin.

Bakhtin, quando fala de enunciado, considera a linguagem como ação sobre o outro. Este enunciado pode ser explicado como: um objeto que reflete a realidade refratando-a, não por causa dos valores e ideologias que carrega, mas porque compreende a realidade por um sujeito, o enunciado é a compreensão e uma resposta do sujeito sobre o mundo.

Portanto, o enunciado é realizado no diálogo com os outros enunciados, produzido por um sujeito em compreensão responsiva com o discurso dos outros; em um primeiro momento essas palavras são apenas alheias, e só depois que se tornam palavras próprias. A responsabilidade que o sujeito assume ao realizar o discurso faz do enunciado um ato singular, que só pode ser assumido pelo sujeito.

Além de desenvolver análise de enunciados nessa perspectiva apontada, para a realização da pesquisa em pauta, propõe-se desenvolver um estudo bibliográfico de escritos de/sobre o círculo de Bakhtin, considerando-se principalmente os conceitos de citação. Será feita uma seleção qualitativa de discursos para análise no Facebook. A análise dos dados coletados será feita segundo uma abordagem qualitativa e dialógica (BAKHTIN, 1997).

Outros autores servirão de base para o trabalho e análise proposta, como Maingueneau (1996; 2002; 2004), Charaudeau, Boch e Grossmann (2002), Jacqueline Authier-Revuz (1990) e Possenti (2002) com seus conceitos de citação, dialogismo e alteridade.

## **2.2 Estudos bakhtinianos, o dialogismo e a citação.**

O diálogo, conceito desenvolvido pelo Círculo de Bakhtin, é fundamental para se compreender a obra deste autor, porque permeia a sua concepção de linguagem e, quem sabe, mais do que isso, sua concepção de mundo, de vida (BARROS, 2003, p. 2). O termo diálogo/dialogismo é utilizado em Bakhtin

como uma descrição da linguagem que torna todos os enunciados, por definição, dialógicos; como termo para um tipo específico de enunciado, oposto a outros enunciados, monológicos; e como uma visão do mundo e da verdade (seu conceito global). (ibid., p. 506)

Esse conceito de diálogo define o ser humano, pois “é impossível pensar no homem fora das relações que o ligam ao outro” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, p. 122). A relação do eu com o outro é indispensável para a existência do eu. Assim, para Bakhtin, a alteridade é a condição da identidade: “os outros constituem dialogicamente o eu que se transforma dialogicamente num outro de novos eus” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, p. 125), no sentido de que “uma pessoa deve passar pela consciência do outro para se constituir” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2008, p. 43).

Faraco (1996, p. 124) destaca que as vozes presentes no texto (o eu e o outro) são manifestações discursivas sempre relacionadas a um tipo de atividade humana e apresentam uma atitude valorativa dos participantes do acontecimento a respeito do que ocorre em relação ao objeto do enunciado, em relação aos outros enunciados, em relação aos interlocutores.

Para Bakhtin, as análises dialógicas não são linguísticas no sentido rigoroso do termo porque a Linguística se dedica ao estudo da “linguagem” propriamente dita, com sua lógica específica na sua generalidade, como algo que torna possível a comunicação dialógica (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2008, p. 209).

Para o estudo das relações dialógicas, Bakhtin propõe então a Metalinguística, uma nova ciência proposta pelo filósofo para dar conta da análise dessas relações. No entanto, conforme afirma Brait (2006, p. 58), embora ofereça uma ótica diferenciada, Bakhtin não exclui a Linguística na análise dessas relações. Ao contrário, Bakhtin recomenda aplicar os seus resultados (BAKHTIN/VOLOCHINOV, p. 58). A Linguística se encarregaria de fazer uma análise interna, ou seja, da língua, enquanto a Metalinguística se encarregaria de fazer uma análise externa, já que as relações dialógicas são entendidas por Bakhtin como extralinguísticas. Deve-se compreender essas críticas feitas pelo autor considerando que elas se dirigem à Linguística da primeira metade do século XX.

Outro assunto importante discutido por Bakhtin é a citação como o discurso do outro; além disso, o autor concebe a língua como um fenômeno que não pode ser desvinculado do caráter social, histórico e dialógico. Bakhtin considera que o “discurso

citado é o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 008), ou seja, é um estudo metaenunciativo.

Segundo Bakhtin, o discurso citado é visto pelo falante como a enunciação de outra pessoa, com sentido e constituição completos fora do contexto em que se cita, a citação pode, ao mesmo tempo em que se cita, re-significar ou não o elemento citado, sem com isso apagar a sua origem. Bakhtin enfatiza o fato de que o autor, como sendo o organizador dos enunciados citados, considera uma terceira pessoa que não o enunciador da citação, nem o enunciado citado, mas o destinatário para quem se fala.

Naturalmente, há diferenças essenciais entre a recepção ativa da enunciação de outrem e sua transmissão no interior de um contexto [discursivo]. (...) Além disso, a transmissão leva em conta uma terceira pessoa - a pessoa a quem estão sendo transmitidas as enunciações citadas. Essa orientação para uma terceira pessoa é de primordial importância: ela reforça a influência das forças sociais organizadas sobre o modo de apreensão do discurso (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1977, p.46).

O autor russo descreve três aspectos básicos a partir dos quais se dá a relação entre o discurso do mesmo e o discurso de outrem na narrativa: o dogmatismo narrativo (estilo linear), individualismo realista e crítico (estilo pictórico) e o individualismo relativista (a ênfase no discurso de outrem).

O estilo linear mantém a integridade, a veracidade e autenticidade do discurso. O autor não existe no estilo linear, ele só é discutido como repetição ou discurso a ser negado, o outro só é percebido quando existe um ponto em comum ou uma afinidade de ideias entre o narrador e o discurso de outrem, é utilizado mais como figurativização.

Já o estilo pictórico, utilizando-se de recursos mais sutis e versáteis, permite a infiltração dos comentários do narrador no discurso do outro. O narrador tenta incorporar a fala de outrem na sua própria fala, ele permite ao outro falar, quando realiza o discurso citado, mas também mantém sua identidade; “o narrador pode deliberadamente apagar as fronteiras do discurso citado, a fim de colori-lo com as suas entoações, o seu humor, a sua ironia, com o seu encantamento ou o seu desprezo” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2008, p.150). Normalmente isso acontece por meio do discurso indireto. No individualismo relativista, toda a atenção é voltada ao discurso citado, ele é considerado o elemento mais forte. Bakhtin/Volochinov fala sobre o contexto, o discurso do narrador passa a figurar o contexto em relação ao discurso

citado. Há um enfraquecimento das fronteiras do discurso citado, e isso se dá pela intenção e a necessidade de exprimir sensações subjetivas que diferenciam o discurso do mesmo e de outrem. Tem-se aí uma forma narrativa modernista: o fluxo de consciência.

O autor considera o discurso do mesmo como a própria instância narrativa, o discurso do narrador, já o discurso de outrem são os fragmentos discursivos subjetivos que não o do próprio narrador. Segundo Bakhtin o exercício da linguagem tem a necessidade de um outro para que o processo comunicativo se efetive.

Tomando por base Bakhtin e o dialogismo, pode-se dizer que as palavras são sempre as palavras dos outros, pois nenhuma palavra é neutra, carrega nela o discurso do outro, leva consigo a experiência vivida pelo falante em uma sociedade. Bakhtin coloca os outros discursos como o centro, aquilo que tece a trama do discurso, propondo uma teoria dialógica da produção de sentido e discurso.

É importante considerar que diante de uma obra existe o autor, mas também o leitor, que estão situados no tempo e na sociedade; são coautores diante do enunciado, numa constante atitude dialógica de avaliação e compreensão: “O acontecimento da vida do texto, isto é, a sua verdadeira essência, sempre se desenvolve na fronteira de duas consciências, de dois sujeitos.” (BAKHTIN, 2003, p.311).

Bakhtin não chega a negar a autoria, mas defende que toda criação, todo texto é constituído a partir de outros enunciados já existentes; para o russo, nenhum enunciado é simplesmente a reprodução de um outro já existente, pois cada enunciado é único e carrega em si a singularidade do momento de comunicação em que foi proferido: “Qualquer conversa é repleta de transmissões e interpretações das palavras dos outros” (BAKHTIN, 1993, p.139).

Segundo Bakhtin (2003) a palavra não pertence apenas ao falante, ela também cabe ao ouvinte, assim como também aos outros falantes que estão presentes nos reflexos dos outros enunciados já existentes, presentes no novo discurso criado. É por isso que para o pensador há vários tipos de autoria e

Dependem do gênero do enunciado /.../ que por sua vez é determinado pelo objeto, pelo fim e pela situação do enunciado. /... / o lugar (posição) ocupado na hierarquia pelo falante (líder, /.../ pai, filho) /.../de quem fala e a quem fala. Tudo isso determina o gênero, o tom, o estilo do enunciado: a palavra do líder,/.../ a palavra do pai, etc. É isso que determina a forma de autoria. A mesma pessoa real pode manifestar-se em diversas formas autorais (BAKHTIN, 2003, p. 390).

### **a. Bakhtin e a linguagem: algumas outras considerações**

Bakhtin divide a sua análise sobre a linguagem em três blocos, aos quais ele chama de orientações, que são o subjetivismo individualista, o objetivismo abstrato e a concepção de linguagem como interação verbal. De acordo com o autor (1992a), para o primeiro bloco, a base da língua é o ato de fala individual e sua fonte é o psiquismo também individual. Nessa orientação, as “[...] leis da criação linguística – sendo a língua uma evolução ininterrupta, uma criação contínua – são as leis da psicologia individual e são as que devem ser estudadas pelo linguista e pelo filósofo da linguagem” (BAKHTIN, 1992a, p. 72).

Sendo assim, a atitude do linguista seria meramente classificatória, descritiva, uma vez que se limita a preparar uma explicação do fato linguístico como sendo proveniente de um ato de criação individual, ou então servir para práticas de aquisição de uma língua dada.

Para Bakhtin, a língua é uma realidade viva, mutável e inseparável de seu conteúdo ideológico, portanto não pode ser analisada, unicamente, a partir de componentes abstratos, deslocados dos atos de fala, das enunciações. Sendo assim, o autor apresenta a categoria, considerada por ele, fundamental para sua concepção de linguagem: a interação verbal. Bakhtin aponta que são as condições sociais de produção de um enunciado que lhe determinam a forma e o conteúdo, pois toda palavra é orientada para um interlocutor e é a imagem que o locutor faz desse interlocutor que orienta seu discurso.

A palavra, nesse contexto, é o elo entre locutor e interlocutor. Por meio dela se dá a interação entre ambos. No entanto, a palavra não é propriedade nem de um nem de outro, pois é uma construção num contexto social. Sua realização “[...] na enunciação concreta é inteiramente determinada pelas relações sociais” (BAKHTIN, 1992a, p.113). Portanto, a estrutura da enunciação é totalmente determinada por pressões sociais. É a imagem que o locutor tem de seu interlocutor que moldará a estrutura da enunciação. Para Bakhtin (1992a), qualquer que seja a enunciação, é totalmente dirigida e determinada “[...] pelos participantes do ato de fala, explícitos ou implícitos, em ligação

com uma situação bem precisa; a situação dá forma à enunciação” (BAKHTIN, 1992a, p. 113).

Entretanto, Bakhtin considera que há dois polos entre os quais oscila a atividade mental. Ele os chama de atividade mental do eu e atividade mental do nós, que geram formas de enunciação correspondentes. Assim, a consciência individual não pode ser entendida fora do contexto social, porque a atividade mental do sujeito constitui um território social. Sendo assim, o autor afirma que a consciência, fora de sua realização num material concreto, é uma ficção, pois sendo expressão material estruturada, essa consciência pode constituir uma força social, que é capaz de reestruturar a vida interior do sujeito, num movimento constante de reelaboração, o que significa dizer que “[...] não é a expressão que se adapta ao nosso mundo interior, mas o nosso mundo interior que se adapta às possibilidades de nossa expressão, aos seus caminhos e orientações possíveis” (BAKHTIN, 1992a, p. 118).

Bakhtin acredita que a concepção de expressão descrita pelo que ele chama de subjetivismo é equivocada, pois todo ato enunciativo é organizado para atender a pressões sociais, a uma situação imediata, sendo assim pode ser considerado um produto social, que acontece na interação verbal, é um fenômeno social que se realiza por meio de enunciações.

O sujeito, para o autor, que assume uma concepção sócio-histórica da linguagem, difere-se do sujeito relacionado com a concepção de língua como representação do pensamento (o subjetivismo idealista, segundo entende o autor), em que o sujeito é visto como dono de suas ações; e difere-se também do sujeito relacionado com correntes que ele denomina como parte de um “objetivismo abstrato”, em que o sujeito é determinado, assujeitado pelo sistema (KOCH, 2003). Para a concepção sócio histórica da linguagem, o sujeito é aquele que produz, mediante sua relação com o outro. Essa relação/interação se dá por meio de enunciações que se traduzem em diferentes formas de organização textual.

Assim, as relações sociais se configuram em diferentes tipos de textos, portanto o texto é um produto social. Surge para atender a necessidades do dia-a-dia, a necessidade de comunicação e assume diferentes formas conforme a exigência da situação de produção. Produzem-se textos literários, jurídicos, provérbios, textos para distrair, ensinar, convencer etc. A essas diferentes formas que podem assumir os textos, Bakhtin

(1992b) chama de gêneros do discurso. Para ele, a utilização da língua em diferentes esferas de comunicação define inúmeros e diferenciados gêneros.

#### **b. Outras considerações sobre a citação**

Authier-Revuz (1990) recupera os estudos do círculo de Bakhtin sobre a natureza dialógica da linguagem e propõe, a partir também dos estudos de Lacan sobre a relação entre o sujeito, o inconsciente e a língua, o conceito de heterogeneidade enunciativa. As formas chamadas por ela de “heterogeneidade mostrada” inserem o outro no discurso e demarcam mais ou menos esse outro; entre elas, temos as aspas, o discurso direto, o indireto, o indireto livre. Dessa forma, a citação foi estudada pela autora como formas de heterogeneidade enunciativa.

Maingueneau(2004) também é um autor que escreve sobre as formas de heterogeneidade enunciativa. Sobre a citação, é preciso, segundo o autor, entender que um tratamento meramente técnico não basta para dar conta da complexidade do fenômeno da citação, também não é suficiente, como advogam Charaudeau e Maingueneau (2004), um tratamento estritamente linguístico, tendo em vista a multiplicidade efetiva dos modos de citar e as coerções impostas pelos gêneros de discurso. Ou seja, como os modos de citar não dependem de estratégias pontuais dos enunciadores, seus usos podem se diferenciar de um gênero para outro.

Como sustenta Amorim (2001, p. 177), “não se pode conceber um texto que não explicita suas relações com outras teorias”. Da perspectiva dos manuais de metodologia emana, em geral, a compreensão de citar como um conjunto de técnicas. Na ABNT (NBR 1050:2002), por exemplo, consta que citação é a “menção de uma informação extraída de uma outra fonte”. Em Santos (2000, p.92), citação “é a transcrição literal de ideias alheias, reconhecidas e identificadas (referenciadas) como tal.”.

Em geral, a citação é tomada como uma forma de remeter ao dizer de outrem, e retrata um procedimento técnico. Mas o citar é muito mais complexo: é uma operação que engendra a dimensão textual e discursiva na construção dos sentidos do texto, além

de gerenciar as diversas vozes presentes no texto (MATÊNCIO, 2002) que são responsáveis pela instauração dos sentidos do texto.

De um ponto de vista técnico, a citação ocorre por duas razões: “cita-se um texto a ser depois interpretado” e “cita-se um texto em apoio a nossa interpretação” (ECO, 1991, p.121). A citação neste caso é usada para sustentar uma argumentação, ou seja, funciona como um argumento de autoridade, como uma forma de encontrar, em outras fontes, um apoio e um tom de veracidade para o texto que se produz. Apesar da concepção de Eco (2001) não trazer uma concepção complexa e aprofundada sobre o citar, não se pode ignorar essa concepção, já que se cita o dito com a finalidade de apoiar um dizer.

A citação remete a um posicionamento do autor do texto, podendo expressar relações as mais diversas, como formas de manifestação do dialogismo constitutivo que engendra a linguagem humana. É preciso, pois, concordar com Charaudeau e Maingueneau (2004), quando dizem que os modos de discurso citado não dependem de estratégias pontuais dos locutores. Constituem, na verdade, *dimensões do posicionamento* ou do *gênero de discurso*. Sendo assim, de acordo com esses autores, ao citar em dado texto, é preciso observar três grandes direções:

- 1) a posição de quem cita e do destinatário: quem cita o quê para quem;
  - 2) as diferentes maneiras de citar: existem diferentes maneiras de citar;
  - 3) a maneira pela qual quem cita avalia o enunciado citado para integrá-lo (dizer ‘ele finge que’ é pressupor que o propósito citado é falso...).
- (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 175-176 – grifos dos autores).

Tomando como base a ABNT, tem-se três tipos de citação: citação de citação, citação direta e citação indireta, as quais são assim definidas:

Citação de citação: menção direta ou indireta de um texto em que não se teve acesso ao original. Citação direta: transcrição textual de parte da obra do autor consultado.

Citação indireta: texto baseado na obra do autor consultado. (NBR 1050:2002, p. 1-2)

A diferença entre as três formas de citação se dá principalmente pelo modo que se deu a retomada do discurso citado, se foi feita uma transcrição textual ou não. Azevedo (2001) classifica a citação em três tipos básicos: citação direta (ou formal), em

que “o conteúdo do original é transcrito fielmente e entre aspas” (p. 119); citação indireta, em que “o conteúdo do original utilizado é reescrito” (p. 123) e citação dependente, na qual “o autor citado não foi lido diretamente, mas tomado (transcrevendo-se ou reescrevendo-se) por empréstimo de outro autor” (p. 123-124).

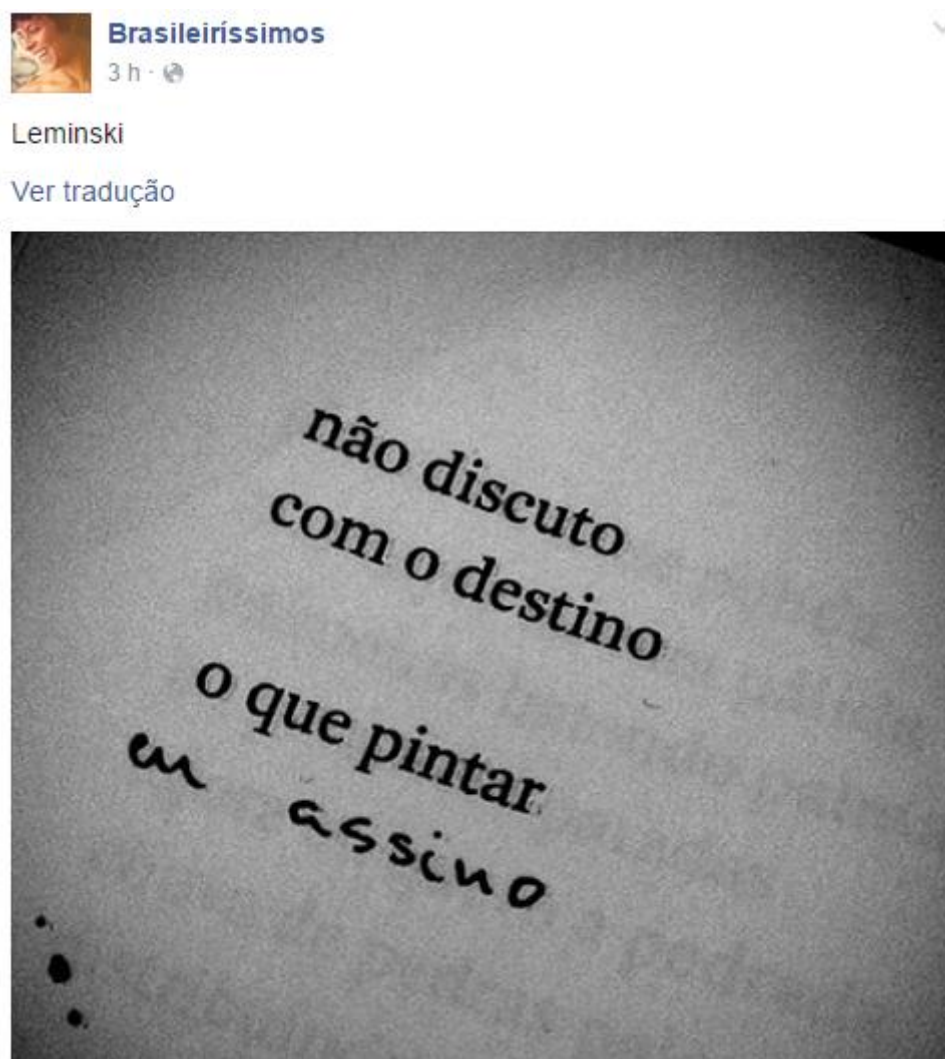
Sendo assim, em outras palavras além daquele que enuncia o enunciado, ou seja, o discurso citado remete a instâncias que não a do enunciador. Com base nos argumentos aqui demonstrados é possível perceber que o citar está além da citação da citação, da citação direta e indireta, como ditam os manuais de metodologia científica, mas compreende uma proposta muito mais abrangente e diversificadas. São esses outros tipos de citações que se podem observar na página “Brasileiríssimos”.

Quando se olha para o citar é preciso se pensar na questão da “responsabilidade da fala”. No discurso direto o locutor não assume essa responsabilidade da fala citada, ele apenas é um “porta voz” como afirma Maingueneau (2002), já no discurso indireto, o autor usa suas palavras para tentar reproduzir a fala do outro, e assim, se encarrega pelo dito, muitas vezes modifica/desvirtua a fala do outro. Ou seja, o comportamento do locutor diante do discurso citado não é o mesmo.

É de extrema importância o conhecimento dessas diferenças para se entender em que medida o locutor empresta a palavra do outro para colocar sua própria voz e assim construir uma imagem de si, e no caso desse trabalho, da página, diante de seu leitor. Para tornar essas questões mais claras, foi feita, no capítulo seguinte, uma análise de alguns recortes trazidos da página “Brasileiríssimos”.

### 3. Análise: Como o autor cita

#### 3.1. A foto como citação: um caso de discurso direto



Esse recorte mostra uma situação que é recorrente na página, uma citação de uma foto, ou seja, a citação da citação, que nada mais é que fazer uma citação por meio de uma outra fonte, uma citação de segunda mão; sem maiores explicações ou comentários do autor. É possível perceber que o autor traz na descrição apenas o nome do autor do discurso citado, logo acima da foto. Tem-se a foto como uma citação que traz um texto, o qual o autor da página indica ser de Leminski. O texto citado introduz a voz do autor desse texto e a diferença de fonte na frase “eu assino” dá a ideia de que o

próprio autor do texto assinou, é um recurso valorativo, que posiciona positivamente o autor do texto citado em relação ao seu conteúdo.

Como já foi dito antes, o discurso direto é feito de forma que o autor do citar não se compromete com o conteúdo do que é citado, e apesar de a citação aqui acontecer de forma diferente (a foto como citação), pode-se observar que a imagem traz a palavra do outro na íntegra, ou seja, o autor da página e o da foto se isentam do dizer citado, tornando-se os “porta-vozes”.



Essa citação pode ser percebida como igual ao recorte anterior, já que também é a citação de uma citação, em forma de foto, em que o autor da página traz a palavra do outro na íntegra, e introduz a citação apenas com o nome do autor do texto citado.

A diferença neste recorte é que o autor da página ao citar o nome do autor da citação verbal, coloca a imagem de um coração na frente, que pode ser visto como um

comentário, que serve para o posicionamento de valoração positiva em relação ao conteúdo que a citação traz, ao autor da citação, ou até mesmo aos dois.

Além disso, a foto não mostra apenas o texto, que neste caso é o trecho de uma música; para dar ênfase no autor do texto citado, tem-se uma foto do mesmo, que no caso é a Mallu Magalhães, ao fundo do texto verbal. São diversos elementos que possibilitam a percepção da relação de sentido que é construída a partir do diálogo dos dois autores; o autor da página se insere no conteúdo que cita, se posiciona e tem-se a valoração do conteúdo citado, mesmo que o autor da página não faça maiores comentários e, que a citação verbal traga na íntegra a voz do autor do texto é possível perceber essa colocação dele diante da citação.



Neste recorte é possível perceber que o autor da página não introduz a citação, não faz comentários, nem se posiciona, ele apenas dá voz ao autor do texto citado. Nesse caso a foto traz além do texto citado, a referência do autor e obra em que se encontra o trecho destacado. Pode-se perceber que se trata de um livro, da foto de um

livro. O trecho que se quer destacar está com uma fonte diferente e focalizado na foto. Aqui, além do autor da página, tem-se o autor da foto, o autor do livro e o autor da citação, são vários discursos em diálogo na construção de sentido. O único que tem sua voz evidenciada é o autor do discurso citado, já que o autor do livro, que traz a citação verbal, não é revelado, e os outros autores se misturam e se isentam do conteúdo mostrado.

### 3.2 O Vídeo como discurso citado



Outra recorrência da página é a postagem de vídeos de músicas, que o autor considera como veículos da cultura brasileira. Ao escolher a página em questão, optou-se por considerar essa manifestação como sendo uma citação. Aqui é possível perceber a introdução do discurso do outro, em que o autor da página faz uma citação de um trecho da música que vem a seguir. Em um primeiro momento pensa-se em um discurso direto, já que o autor não faz comentários e traz na íntegra o trecho escolhido, mas ao

optar por não colocar aspas, o autor da página acaba por se posicionar em relação ao conteúdo citado, misturando-se com o discurso citado.

Apesar de não ser um tipo de citação tradicional, conhecida e veiculada pelos manuais de metodologias científicas, pode-se dizer que essa citação traz em si a voz do autor e um elemento de valoração. A citação é feita por ser considerada pertinente ao objetivo que a página diz ter, que é a valorização e divulgação da cultura brasileira. Além disso, o autor da página escolhe um trecho da música, antes de dar espaço para a voz do autor da música, ou seja, ele se posiciona, destaca o que acha mais relevante. Tem-se aqui um argumento de autoridade, que é construído com base no que falam ou escrevem pessoas de autoridade e que possui alto grau de credibilidade.



Observando esse recorte, em especial a parte em que o autor da página cita antes de citar, pode-se pensar em uma primeira instância que se trata de uma citação tradicional, em que se tem um discurso direto e, depois a citação da citação, que é o vídeo que traz a voz do autor da música. Entretanto, apesar de parecer uma citação de um discurso direto, pois o texto está entre aspas, não se tem referência de quem é o autor dessa citação no final, ou seja, a voz do autor da página se confunde com a voz do

autor do discurso citado, além de se tratar de um trecho previamente selecionado pelo autor da página.

Sendo assim, como já dito anteriormente, o que acontece nesse recorte é o posicionamento do autor, que antes de dar voz para o autor da música, antes de trazer a voz do outro na íntegra, coloca-se em relação ao discurso do outro.



Por fim, o que se pode destacar desse último recorte trazido é a forma como se dá a interação do autor com o discurso citado e com o leitor. Como já foi analisado acima, o vídeo postado pelo autor demonstra um juízo de valor, através da citação do

discurso do outro, pois apesar de não fazer comentários, e colocar apenas a citação direta de um trecho da música, o autor não coloca aspas, o que já foi discutido anteriormente e pode significar que o autor da página, através do discurso do outro, introduz sua voz.

Diferente dos outros exemplos, esse recorte traz a relação do autor com o leitor, pois além da voz do autor da página, que é introduzida por meio do discurso do autor da citação e da voz do autor do discurso citado, têm-se os comentários dos leitores logo abaixo das postagens.

Ao contrário do que normalmente acontece em outras páginas do Facebook, em que a opção do comentário serve para que os leitores se coloquem de forma mais clara, expondo suas opiniões, o que acontece nessa página e, principalmente, em postagens de vídeos de músicas, é a repetição da atividade do autor da página, de destacar trechos da mesma música que aparece no vídeo.

Neste caso, tem-se nos comentários trechos selecionados pelos leitores, que ao mesmo tempo em que se isentam do conteúdo, por fazerem uma citação, por retomarem o discurso do outro, os leitores se posicionam valorativamente, pois o discurso citado não vem entre aspas. Além disso, um elemento essencial para se entender esse posicionamento dos leitores como positivo em relação ao conteúdo, é a imagem de coração que tem no fim dos dois comentários, que pode ser considerado como um elemento de valor diante da postagem do autor da página, da música, ou do autor da música, ou dos três.

## 4. Conclusão

Em suma, este trabalho analisa as relações de sentido construídas a partir do diálogo das várias vozes presentes na página “Brasileiríssimos”. Ao atribuir sentido ao texto, o indivíduo o constitui, transformando-o em algo novo e diferenciado. É o leitor que atribui vida ao texto, sendo o seu significado modificado com as várias leituras por ele realizadas.

O que é interessante é que o autor da página, também é leitor, mas do texto citado, ou seja, o sentido também é construído por ele. O leitor tem liberdade para construir sentidos, mas ele também é limitado pelos significados trazidos pelo texto e pelas suas condições de uso. O texto é gerado a partir dos significados atribuídos pelo autor quando em interação com seu mundo de significação, e é recontextualizado pelo leitor, que busca atribuir-lhe significado a partir da relação que mantém com o seu próprio mundo e com o autor, o qual delimita (sem oprimir) as possibilidades de construção de novos significados. A partir disso, pode-se concluir que a compreensão é um processo de negociação de sentidos que está sustentada no leitor, na situação pragmática e no texto, sendo a coerência textual marcada pela interpretação do interlocutor.

Com as análises feitas é possível perceber que é dessa forma que a relação do autor e leitor vai coconstruindo a imagem da página, a partir do diálogo do eu com o outro, que muitas vezes demonstra juízos de valor diante dos discursos citados; e a voz do eu se posiciona dessa forma frente ao conteúdo postado. Além disso, tem-se o argumento de autoridade que é pautado nos discursos citados e na descrição da página, que tem como objetivo a valorização e divulgação da cultura brasileira, ou seja, tudo aquilo que é postado pelo autor na página deverá ser considerado como representante da cultura brasileira.

Para Bakhtin, os indivíduos se constituem na relação de alteridade, o eu se reflete no outro e refrata-se. É quando o indivíduo se constitui que ele também se altera constantemente. Esse processo não surge do próprio indivíduo, é algo que se consolida a partir das interações, das palavras. As transformações do sujeito acontecem sempre através do outro. Nos atos de interpretação e compreensão, a palavra alheia se faz sempre presente.

É importante ressaltar também que a contrapalavra, assim como a palavra, está estritamente associada ao tema da interação - aos sentidos que são construídos na interação com outro. Pensando assim, a palavra já é alheia mesmo ainda não tendo sido incorporada pelo outro.

Observando as análises feitas da página em questão, percebe-se a relação dialógica dos sujeitos, a partir das citações e dos comentários que posicionam cada um valorativamente diante do conteúdo citado. A dialogia é esse confronto das entoações e dos sistemas de valores que posicionam as mais variadas visões de mundo dentro de um campo de visão. Ainda na mesma direção, participar do diálogo significa ouvir, concordar, responder e etc.

Além disso, fica evidente, com a análise desses recortes, que a citação é muito mais que um conjunto de regras, ou procedimentos formais, pois a citação dá conta da construção textual dos sentidos, da dimensão dialógica da linguagem, e compreende as posições enunciativas assumidas pelo autor.

## 5. Referências:

ABNT. NBR 10520: informação e documentação: citações em documentos - apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) Enunciativas(s). Cad. Est. Ling., Campinas, 1990.

BAKHTIN/VOLOCHÍNOV. Marxismo e filosofia da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. 4.ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. 3. ed. Tradução de Maria Ermantina G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. Para uma filosofia do ato responsável. Organizado por Augusto Ponzio e Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGE. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

\_\_\_\_\_. Arte y responsabilidad. In: \_\_\_\_\_. Estética de la creacion verbal. Mexico: Siglo Veinteuno, 1982.

BAKHTIN, M./VOLOSHINOV, V. N. Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação. A palavra na vida e na poesia: introdução ao problema da poética sociológica. Org. e equipe de trad. V. Miotello. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

BAKHTIN, M./MEDVIÉDEV, P. N. O método formal nos estudos literários: introdução a uma poética sociológica. São Paulo: Contexto, 2012.

BAKHTINIANA: Revista de estudos do discurso. São Paulo: Pontífice Universidade Católica de São Paulo, V. 8, n. 2, 2º sem. 2013. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana>> Acesso em: 11 de Abril de 2014.

BAKHTINIANA, São Paulo, v. 7, n. 2, p.38-56, 2º sem. 2012. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/10605>>. Acesso em: 11 Abr. 2014.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto (Orgs.) Diálogos com Bakhtin. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1996. p. 21-42.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, Polifonia e Enunciação. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de.; FIORIN, José Luiz (Orgs.). Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade. 2ª ed. 1ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. p. 1-9.

BOCH, Françoise; Grossmann, Francis (Ed.). De l'usage des citations dans le discours théorique: des constats aux propositions didactiques. Lidil, n. 24, p. 91-112, 2002.

BRAIT, Beth. (org.) Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.

\_\_\_\_\_. (org.) Bakhtin: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. (org.) Bakhtin: dialogismo e polifonia. São Paulo: Contexto, 2009a.

\_\_\_\_\_. (org.) Bakhtin e o Círculo. São Paulo: Contexto, 2009b.

\_\_\_\_\_. A palavra mandioca do verbal ao verbo-visual. BAKHTINIANA, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 142-160, 1º sem. 2009c. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3004>>. Acesso em: 11 Abr. 2014.

\_\_\_\_\_. Polifonia arquitetada pela citação visual e verbo-visual. BAKHTINIANA, São Paulo, v. 1, n. 5, p. 183-196, 1º sem. 2011. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/5397>>. Acesso em: 11 Abr. 2014.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, P. Dicionário de análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2004, p.249-251.

FARACO, C.A. Um posfácio meio impertinente. In: BAKHTIN, M. Para uma filosofia do ato responsável. Organizado por Augusto Ponzio e Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGE. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

FREITAS, JOBIM e SOUZA, KRAMER. (Org.) Ciências humanas e pesquisa. Leituras de M. Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2003.

GEGE (Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso) (Org.) Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

GERALDI, J. W. A aula como acontecimento. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010a.

\_\_\_\_\_. Ancoragens. Estudos Bakhtinianos. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010b.

GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. Dimensão Verbo-visual de enunciados de Scientific American Brasil. BAKHTINIANA, São Paulo, v.1, n.2, p. 8-22, 2º sem. 2009. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3009>>. Acesso em: 11 Abr. 2014.

HAYNES, D. J. Bakhtin and the visual arts. Nova Iorque: Cambridge, 2008.

GROSSMANN, Francis. Les modes de référence à autrui: l'exemple de la revue Langages. Faits de Langue, n. 18. (no prelo), 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. Discurso Literário. Trad. de Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. Le contexte de l'oeuvre littéraire: énonciation, écrivain, société. Paris: Dunod, 1993.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: o que são e como se classificam? Recife: UFPE, 2000a. (Inédito)

MARCUSCHI, L. A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. Recife: UFPE, 2000b. (Inédito)

MARCUSCHI, L. A. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, L. A. Atos de referenciação na interação face a face. In: Cadernos de Estudos Lingüísticos. Campinas: UNICAMP, n. 41, 2001. p. 37-54.

MATENCIO, M. L. M. Retextualização de textos acadêmicos: leitura, produção de textos e construção de conhecimentos. Projeto de Pesquisa/FAPEMIG. Belo Horizonte: PUC MINAS. 2001a.

MATENCIO, M. L. M. Estudo da língua falada e aula de língua materna: uma abordagem processual da interação professor/alunos. Campinas: Mercado de Letras, 2001b.

MATENCIO, M. L. M. Atividades de (re)textualização em práticas acadêmicas : um estudo do resumo. In: Revista Scripta, v. 6, n. 11. Belo Horizonte: PUC Minas. 2002. No prelo.

POSSENTI, S. Os limites do discurso. Ensaios sobre discurso e sujeito. Curitiba: Criar Edições, 2002.

PONZIO, A. A revolução bakhtiniana. Tradução (coordenação): Valdemir Miotello. São Paulo: Contexto, 2009.

\_\_\_\_\_. Introdução. A concepção bakhtiniana do ato como dar um passo. In: BAKHTIN, M. Para uma filosofia do ato responsável. Organizado por Augusto Ponzio e Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGE. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

STENBERG, J. Psicologia cognitiva. Tradução de OSÓRIO, M. R. B. Porto Alegre: